

EDITORIAL

Anunciamos com felicidade a publicação do 43º número da revista Ítaca! Sendo a primeira edição de 2025, contamos com 7 artigos e 1 tradução. Esperamos que a leitura seja valiosa e proveitosa para as/os leitoras/es.

Iniciamos essa edição com o artigo de Barbara Leandra Porto Mota, que propõe uma leitura da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, à luz da filosofia de Judith Butler. O texto evidencia como a linguagem da autora negra e favelada opera como ato performativo, reinscrevendo o corpo abjeto no espaço político e simbólico. A partir das categorias de performatividade, abjeção e resistência, a autora interpreta a escrita de Carolina não apenas como denúncia da exclusão, mas como subversão ativa dos regimes de reconhecimento.

Na sequência, Giovani do Carmo Júnior oferece uma análise densa da relação entre Michel Foucault e o marxismo francês. A partir do conceito de “comunista nietzscheano”, o autor reconstrói os embates do filósofo com o Partido Comunista Francês, evidenciando os impasses vividos entre ortodoxia, militância e liberdade intelectual. A análise percorre momentos-chave da trajetória de Foucault, desde sua juventude na École Normale Supérieure até sua ruptura com os dogmas stalinistas, articulando filosofia, memória e política em uma narrativa rigorosa e crítica.

O artigo “Adorno, Beethoven: estilo tardio como fuga do idealismo alemão” propõe uma análise do conceito de estilo tardio, elaborado por Theodor W. Adorno a partir das composições da última fase de Beethoven. João Paulo Andrade investiga como essa fase tardia não representa um simples esgotamento criativo, mas sim uma forma crítica de expressão estética que rompe com a tradição do idealismo alemão. Através da análise de obras como *Alla danza tedesca*, o autor mostra que Adorno identifica nesse estilo tardio uma resistência à racionalização totalizante, uma recusa à universalidade formal e uma crítica tanto à subjetividade expressiva quanto às convenções herdadas. A música de Beethoven, nesse contexto, assume o papel de ruína estética e de fragmento histórico, tensionando o vínculo entre forma, conteúdo e verdade — numa aliança com a filosofia da história de Benjamin e contra os pressupostos sistemáticos de Kant e Hegel.

Passamos, então, para o artigo “Do corpo-sujeito ao corpo-carne em Merleau-Ponty”, de Lara Baptista Vidaurre, que explora a transição filosófica do dualismo cartesiano — que separa mente e corpo — para a concepção fenomenológica de Merleau-Ponty, que entende o corpo como carne, ou seja, como presença encarnada e sensível no mundo. A autora mostra como Merleau-Ponty rompe com a tradição da filosofia do sujeito ao afirmar a indivisão entre corpo, mente e mundo, destacando o conceito de carne como um elemento originário de experiência e relação. Por meio da noção de *quiasma*, o filósofo francês propõe que a percepção, o toque e a visão não são apenas modos de representar o mundo, mas formas de estar no mundo de modo intercorporal, sensível e transformador. O artigo desenvolve ainda os pares conceituais como “passividade na atividade” e “proximidade na distância” para mostrar como o corpo vivido se revela como dimensão ontológica da liberdade e da historicidade humanas. Em oposição à visão estática e racionalista de Descartes, Merleau-Ponty propõe uma ontologia do visível e do sensível, onde o mundo é constantemente construído na relação entre corpos.

O artigo “Colonialismo, capitalismo e violência”, de Lorena Silva Oliveira, propõe uma análise crítica das inter-relações entre essas três categorias, a partir das filosofias africanas e do pensamento decolonial. A autora argumenta que o colonialismo, longe de ser uma missão civilizatória, foi um projeto sistemático de exploração e dominação, sustentado por interesses econômicos e ideológicos. Com base em pensadores como Aimé Césaire, Frantz Fanon, Walter Dignolo, Achille Mbembe e Aníbal Quijano, o texto mostra como o colonialismo forneceu as condições materiais e simbólicas para a emergência do capitalismo, por meio de violências múltiplas — físicas, culturais, epistemológicas e econômicas — ainda presentes na forma de colonialidade. A violência não é tratada como um efeito colateral, mas como um mecanismo central para a acumulação de capital e a organização hierárquica do mundo moderno. O artigo propõe, por fim, uma leitura do presente que reconhece a persistência dessas estruturas coloniais e convida à reflexão crítica sobre a necessidade de descolonização do saber e das instituições.

O artigo “Nietzsche e o ascetismo: por uma filosofia afirmativa”, de Quésia Oliveira Olanda, propõe uma análise aprofundada do conceito de ascetismo a partir da obra madura de Friedrich Nietzsche, com foco especial na terceira dissertação de *A Genealogia da Moral*. A autora examina como o ideal ascético, entendido como negação da vida, expressão de niilismo e repressão dos instintos, se manifesta na filosofia, na

religião, na arte e na ciência. Nietzsche associa o ascetismo a um esgotamento vital, mas também o vê como estratégia de autopreservação em contextos de decadência. O artigo contrapõe esse ideal à filosofia afirmativa nietzschiana, centrada no amor fati, no eterno retorno e na valorização dos afetos e do corpo. A autora articula uma leitura crítica da tradição platônica e cristã, destacando o papel do sacerdote asceta na consolidação de uma moral de negação. Defende, por fim, uma filosofia da imanência e da criação, capaz de afirmar a vida em todas as suas dimensões.

Nosso último artigo “A escrita enquanto um desconforto necessário: breves comentários sobre a palavra em Derrida”, de Roberta Castrioto Browne, propõe uma reflexão sensível e filosófica sobre a linguagem, a escritura e o papel do leitor e do escritor, com base na obra de Jacques Derrida. A autora explora a desconstrução do privilégio da fala sobre a escrita na tradição ocidental, questionando a ideia de origem, estabilidade e verdade nos discursos. A escrita é apresentada não como simples representação, mas como gesto, experiência, atravessamento — um modo de ser e existir no mundo. Entrelaçando literatura e filosofia, Browne mostra que escrever é um processo contínuo de busca e criação, uma forma de habitar a linguagem em sua potência de movimento e afeto. A escritura, tal como pensada por Derrida, ultrapassa o campo do signo para tornar-se um ato existencial, onde o texto, o corpo e o pensamento se entrelaçam numa dança interpretativa que desafia estruturas fixas.

Por fim, fechamos a edição com duas traduções: do artigo “Desacordos profundos: precisões e explorações”, de Victoria Lavorerio, e do artigo “A Lógica dos Desacordos Profundos”, de Robert J. Fogelin, traduzidos por Cello Pfeil.

Encerramos, aqui, nosso editorial e esperamos que tenham uma leitura proveitosa.